

# Transação territorial

NOVAS RELAÇÕES CIDADE-CAMPO

**Gérard Baudin**

**Domingos M. Vaz**

organização

**húmus**



Universidade do Minho  
Centro de Investigação em Ciências Sociais

#### **4. A cidade e o campo: memórias e práticas alimentares de um grupo de consumidores urbanos\***

**La ville et la campagne: mémoires et habitudes alimentaires d'un groupe de consommateurs urbains**

Mónica Truninger\*\*

**Résumé:** Ce texte a trait aux significations de produits biologiques et locaux chez un groupe de 30 consommateurs résidant à Lisbonne.

À partir des «mémoires alimentaires» se reconstruisent certaines trajectoires de changement dans le système alimentaire portugais.

Dans une certaine mesure, les «mémoires alimentaires» mettent l'accent sur la distinction entre zones rurales et urbaines. Ainsi, les consommateurs ont mentionné les différences entre l'alimentation du passé et celle du présent en s'appuyant sur un discours en termes dichotomiques entre campagne et ville.

Cependant, nous avons constaté que ces «mémoires», parce que toujours réactualisées et reconstruites dans le présent, ont également contribué à dépasser cette dichotomie ne suggérant plus désormais une polarisation mais une relation d'interdépendance.

#### **1. Introdução**

O objetivo deste texto é desvendar as ligações e as trajetórias urbanas e rurais ao longo do tempo através do poder evocativo dos alimentos e das memórias de um grupo de consumidores residentes em espaço urbano. Este exercício mnésico pretende mostrar como, através das memórias alimentares, podemos contribuir de certa forma para ajudar a conceptualizar a divisão rural-urbano ou campo-cidade, respeitando as suas diferenças, mas propondo uma perspetiva relacional destas categorias, que estão sempre em devir e em construção. O material empírico baseia-se em trinta entrevistas com os consumidores da cidade de Lisboa.

\* Uma parte deste capítulo foi adaptada de Truninger, M. (2013). "Connecting food memories with the rural: the case of Portuguese and British consumers". In Silva, L., Figueiredo, E. (Eds.), *Shaping rural areas in Europe: perceptions and outcomes on the present and the future*. Dordrecht: Springer, pp. 147-163.

O material empírico deste capítulo tem origem na tese de doutoramento da autora, que teve o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

\*\* Socióloga, investigadora principal no Instituto de Ciências Sociais (Universidade de Lisboa, Portugal) e investigadora visitante do Instituto de Consumo Sustentável (Universidade de Manchester, Reino Unido).

O capítulo está organizado em três partes principais. Primeiro vamos descrever brevemente as configurações históricas das relações urbano-rural em Portugal. Em segundo lugar, vamos enquadrar teoricamente o conceito de memória alimentar empregue na análise e dar conta dos passos metodológicos seguidos nesta pesquisa. Em terceiro lugar, faremos uma análise das memórias alimentares dos consumidores portugueses entrevistados no estudo. No final, teceremos alguns comentários conclusivos revisitando o principal argumento do capítulo, nomeadamente a utilidade do conceito de memória alimentar para iluminar um debate já antigo na literatura científica social sobre a divisão rural-urbano ou campo-cidade.

## 2. Trajetórias e configurações rural-urbano em Portugal

Na literatura sociológica, Portugal é muitas vezes associado a uma sociedade “rural”. Esta imagem provém do facto de que, até à década de 1960, a maioria da população vivia no campo e de que a principal contribuição para o PIB vinha da agricultura (Truninger e Freire, 2014). Desde o final da década de 1950, e sobretudo na década de 1960, vários episódios marcaram mudanças importantes no regime autoritário vigente (1933-1974), a saber: o desmantelamento do império colonial português; o êxodo rural e a emigração para a Europa; a entrada na EFTA, que intensificou um relacionamento mais próximo com os mercados internacionais; e a emergência de um clima político favorável à mudança de regime (o que iria acontecer mais tarde, em 1974, com o golpe militar do 25 de Abril).

Essas mudanças contribuíram para a reconfiguração das relações interdependentes entre as áreas rurais e urbanas, já que se registou uma crescente urbanização e intensificação dos fluxos de pessoas e alimentos nas décadas seguintes. Estas mudanças foram consolidadas durante o regime democrático e sobretudo após a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, em 1986. Alguns investigadores portugueses (por exemplo, Carmo, 2007), na senda de estudos internacionais sobre as relações rural-urbano (Cloke, Marsden e Mooney, 2006), identificam no país um processo semelhante ao que se passou noutros países do Norte da Europa: o processo de crescente “urbanização” do campo. Este fenómeno torna dispensável o acentuar de uma narrativa em torno das clivagens e dicotomias entre cidade-campo ou rural-urbano. Neste sentido, o presente capítulo contribui para este debate, analisando o recurso às memórias de alimentos que os consumidores experimentavam no passado, muitas vezes provenientes de áreas rurais, para contrastar com a qualidade dos alimentos do presente a que têm acesso na cidade. Estas memórias, sempre reatualizáveis e reconstruídas no presente,

permitem ultrapassar a dicotomia rural-urbano, mas, ao mesmo tempo, reforçam as diferenças entre estes dois espaços, sem que isso represente uma relação polarizada, mas sim interdependente e dialéctica.

O nosso ponto de partida começa na relação entre alimentação e memória. Este tópico tem chamado recentemente a atenção de vários investigadores sociais (Sutton, 2001; Carolan, 2011). A comida é boa não só para pensar (em alusão ao famoso aforismo de Lévi-Strauss) como também para recordar espaços e paisagens e provocar sensações viscerais no corpo. Na análise vamos seguir de perto o geógrafo Michael Carolan, que considera a memória como um processo: “a dynamic, shifting, and productive event rooted in a lived experience that cannot be reduced to words or an image” (Carolan, 2011: 39). Assim, através de uma análise das memórias relatadas pelos entrevistados, temos acesso a uma parte, mesmo que incompleta, das trajetórias de significados sobre o rural e de como estes significados ou imagens são articulados nas práticas alimentares do dia a dia, de forma a permitir refletir sobre o debate rural-urbano ou campo-cidade.

O material empírico é obtido a partir de um estudo qualitativo com base em trinta entrevistas em profundidade sobre os significados e justificações de consumo biológico de um grupo de residentes na cidade de Lisboa (ver Truninger, 2010; 2013). A grande maioria foi recrutada através de visitas à feira de agricultura biológica Terra Sã. Outros voluntários foram recrutados em lojas do sector e através do método bola de neve, de forma a respeitar os critérios de seleção da amostra baseados na idade, nível de escolaridade, sexo e tipo de família (com ou sem crianças).

## 3. Principais mudanças alimentares na cidade de Lisboa

A maioria dos consumidores entrevistados residia na altura da entrevista na cidade de Lisboa. As suas memórias alimentares permitiram acompanhar algumas das grandes transformações ocorridas nas relações entre esta cidade e os espaços periurbanos e rurais circundantes ao longo dos últimos cinquenta anos. A partir da década de 1960, Lisboa experienciou a entrada de diferentes populações que chegaram de forma descontínua em busca de um ideal de “uma vida melhor”. Neste espaço de tempo, podemos traçar uma primeira onda de circulação de pessoas das áreas rurais (por exemplo, Alentejo, Minho e Trás-os-Montes), tanto para as áreas urbanas e suburbanas de Lisboa como também para países europeus como a França, Suíça ou Luxemburgo e estados norte-americanos (por exemplo, Rhode Island). Entre 1960 e 1974, cerca de um milhão e meio de habitantes deixaram o país (Barreto, 2000). Os meados da década de 1970 foram marcados pela

mudança significativa de regime político, de um Estado autoritário (1926-1974) para um regime democrático (1974-presente). A guerra colonial teve o seu desfecho e com ela foi concedida a independência das ex-colónias africanas. Isto resultou na deslocação de mais de seiscentos mil habitantes dessas ex-colónias para Lisboa num único ano (Barreto, 2000: 41). A maior parte desse fluxo populacional fez acelerar o processo de suburbanização da cidade de Lisboa, contribuindo para a sua expansão urbana (*urban sprawl*). Em meados da década de 1980 a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (atual União Europeia) assinala um importante ponto de viragem no sistema de abastecimento de alimentos, fortemente marcado pela crescente liberalização e globalização dos mercados internacionais. A entrada de produtos alimentares exóticos e menos familiares no mercado doméstico faz com que os portugueses paulatinamente adotem novos hábitos alimentares. Foi também durante este período, e especialmente na década de 1990, que uma nova onda de população estrangeira chegou ao país – brasileiros, asiáticos e europeus orientais –, especialmente após a queda do Muro de Berlim em 1989 e o desmantelamento e desfragmentação da ex-União Soviética. A permeabilidade da dieta mediterrânea a sabores exóticos (por exemplo, africanos, brasileiros), cosmopolitas e internacionais tornou-se numa realidade a que era difícil escapar, sendo que a dieta dos portugueses ficou cada vez mais marcada por altos teores de consumo de proteína animal, gorduras consideradas menos saudáveis, excesso de açúcar e sal.

A história recente do país pode ser testemunhada através das biografias pessoais dos entrevistados. Na amostra, alguns dos entrevistados nasceram em países africanos e passaram parte da sua infância e juventude em contacto com sabores diferentes dos do território continental, degustando o “outro”. Outros tinham redes familiares enraizadas em comunidades rurais e passaram uma grande parte da infância em contacto com os modos de vida e de alimentação em espaço rural, visitando aldeias do interior ou vivendo uma parte da infância nessas localidades:

Eu morava na cidade, mas uma parte da minha infância foi passada em África... E talvez em comparação com hoje a comida era muito limitada lá... Havia uma grande quantidade de alimentos em conserva, enlatados ou comida de lata. Leite era na versão em pó ou leite condensado... Não se bebia leite fresco. Tínhamos uma data de frutas que vinham da África do Sul, que eram muito boas, ainda são... Mas frutas e legumes na sua maioria vinha do campo.

(Margarida, 53 anos, natural de França, viveu em Moçambique durante a infância)

Tivemos uma casa numa aldeia do Alentejo, onde passávamos os meses de verão, e meus tios eram todos agricultores e, portanto, tinham muitos produtos... Nós consumíamos legumes cultivados nas hortas, quer sejam da nossa família ou dos vizinhos que depois nos davam legumes... A carne, o peixe... E o sabor era um pouco diferente... Eu realmente sinto falta desses sabores de infância!

(Afonso, 58 anos, natural do Alentejo)

As memórias alimentares dos entrevistados ressaltam os sabores e cheiros de tempos passados em espaços múltiplos que cruzam urbano e rural (por exemplo, o interior rural ou uma cidade africana). A experiência de comer alimentos caseiros está incutida de propriedades organolépticas singulares. Além disso, as associações com a sazonalidade, a saúde, o local, a frescura, a higiene e segurança alimentares surgiram várias vezes quando este grupo de consumidores falou sobre os produtos da terra, das hortas ou de quintas com que tinham contacto na infância:

Na época não estava tão divulgada aquela questão de as pessoas quererem morangos todo o ano, de quererem qualquer produto todo o ano... As coisas eram criadas na sua época e comiam-se naquela altura. Eu acho isso muito saudável... Eu adoro cerejas... as pessoas esperavam ansiosamente pela altura das cerejas... E quando agora não há cerejas... A pessoa já nem se alegra de encontrar cerejas, pois estão disponíveis fora de época...

(Josefa, 52 anos, natural de Coimbra)

Eu nasci no campo, portanto bebia leite de vaca que era mugido na altura. Era numa quinta em [*indica nome de quinta nos arredores de Lisboa*], e tinha os ovos das galinhas, tudo o que eu consumia... As couves eram da quinta, tudo o que consumia durante os meus primeiros anos de vida foi fornecido pela terra, de modo que de facto há sabores de que não me esqueci, mas que eram muito próprios e que eu nunca mais reconheci de alguma maneira.

(Ana Maria, 50 anos, natural de uma zona periurbana de Lisboa)

As experiências alimentares vividas por Ana Maria na sua infância estão profundamente inscritas nas relações sensoriais com os alimentos do campo, sendo um exemplo daquilo que Carolan identifica como gostos alimentares incorporados (Carolan, 2011). Esses gostos fazem conectar corpos (e bocas, línguas ou estômagos) a uma ideia de natureza que é complexa e multifacetada (Hinchliffe, 2008). Remetem também para os elementos sensoriais, emotivos e de qualidade que por vezes se atribuem aos produtos

*terroir* (Freire e Truninger, 2011). Os sabores destes produtos são diferentes de quaisquer outros porque expressam as características do clima, dos solos, dos componentes minerais, das competências e saber-fazer das populações locais. Ao comer ou beber tais produtos, Ana Maria absorve diretamente algo da localidade, e o seu corpo fica ligado ao território (DeLind, 2006). O que é interessante neste caso é que as memórias das pessoas da cidade, como Ana Maria, são intrinsecamente evocativas de paisagens rurais incorporadas nos alimentos que se ingerem, fazendo destacar que a relação entre alimentação e memória pode constituir uma ferramenta conceptual para pensar as relações urbano-rural. Serve assim para pensar no urbano-rural, ou campo-cidade, como espaço contíguo e fluido, mas sem que essa fluidez faça esbater as suas diferenças intrínsecas.

As boas recordações ligadas aos produtos do campo, apesar de serem frequentes nos testemunhos dos entrevistados, nem sempre foram unânimes. Veja-se, por exemplo, as reações viscerais de Fernando em relação ao leite tirado diretamente da vaca, que evoca uma relação menos romântica e positiva com o campo. Neste caso o leite obtém uma capacidade mnésica de evocar no presente as experiências alimentares do passado, reatualizando esse passado sempre que Fernando tem de justificar porque bebe leite de soja:

Há muito tempo que praticamente deixei de beber leite, não queijos e manteiga, mas leite praticamente que deixei, e isto porque, porque quando eu era miúdo – penso eu, isto até pode ser uma explicação não muito racional –, quando era miúdo a minha avó materna tinha lá vacas leiteiras. Portanto eu quase que era forçado todos os dias logo de manhã cedo antes de ir para a escola a beber muito leite daquele saído da vaca, sem ser fervido... E isso causou-me de facto um enjoo do leite de tal ordem, que eu fugia um bocado ao leite... Agora retomei o leite porque este é um leite diferente [*leite de soja biológico*], com o leite de soja não tenho qualquer problema, mas ao de vaca fujo um bocadinho...

(Fernando, 54 anos, natural da Lourinhã)

Quando interrogados sobre o tipo de alimentos e refeições consumidos na infância, os entrevistados descreveram uma dieta que se assemelha àquilo que é convencionalizado como fazendo parte da dieta mediterrânica: peixe (grelhado ou cozido), legumes, frutas, azeite, saladas, pequenas quantidades de carne e, para as gerações mais velhas, poucos produtos lácteos (iogurtes, manteiga ou leite). Algumas carnes seriam provenientes de produção própria ou dos vizinhos (por exemplo, galinhas, coelhos e, mais raramente, o porco, que era abatido em dias celebratórios, sendo todo aproveitado para alimentar famílias inteiras por vários meses):

Eu recebi dos meus pais tudo de bom, foi o leite materno, foram os produtos sãos, embora não conhecesse... Eu nunca conheci os iogurtes, nunca conheci os produtos lácteos, nunca os suportei muito bem, e quando muito era de vez em quando o leite de vaca. Mas era eu que ia buscar o leitinho, que bebia quando me apetecia, não bebia sempre. Não conheci os iogurtes porque não se usava, não se vendia. Nunca conheci outros produtos que hoje são nocivos. Hoje as crianças consomem bastantes bolos, bolos era só no Natal, chocolates também.

(Francisca, 50 anos, natural do Porto)

Acho que a minha família tinha hábitos alimentares extremamente saudáveis, porque a minha avó não gostava de carne. Por isso a nossa dieta foi sempre à base de peixe (muitas vezes grelhado), carregado com alho cru, salsa picada, azeite, saladas de tomate, cebola e orégãos, sopa. Por isso tivemos uma dieta tipicamente do Sul da Europa... Às vezes galinha que nós criávamos...

(Glória, 59 anos, natural de França)

Se as gerações mais velhas foram alimentadas com uma dieta mediterrânica culturalmente partilhada, as gerações mais jovens lembram-se de comer os primeiros produtos de comida rápida, congelados que se põem no micro-ondas. É um facto que os países tradicionais do Mediterrâneo têm vindo a desviar-se do padrão da dieta mediterrânica com a inclusão de grandes quantidades de proteína animal nos seus hábitos alimentares (principalmente frango e carne de porco), gorduras, açúcar e sal (Truninger e Freire, 2014). No entanto, o consumo de frutas e vegetais tem aumentado ao longo dos anos, dado o seu acesso mais fácil através dos supermercados, a popularização de frutas exóticas e legumes menos familiares e a crescente consciência nutricional sobre os seus benefícios para a saúde. Alguns dos entrevistados lembram-se das transformações na gama e variedade dos alimentos disponíveis com a chegada dos supermercados ao país (nos anos 1970 e 1980 mais timidamente, e nos anos 1990 com maior visibilidade, sobretudo as grandes superfícies), muito contrastante com os tempos de infância:

O que eu noto em Portugal é que temos uma maior variedade de produtos que no passado não existiam... Até mesmo há vinte anos a maioria das pessoas não sabia o que eram determinados alimentos... Ninguém sabia o que eram endívias, alcachofras, espargos, embora as pessoas soubessem o que eram espargos selvagens... Mas hoje em dia há uma maior variedade de frutas, talvez mais bonita mas de pior qualidade.

(Margarida, 53 anos, natural de França)

Os entrevistados experimentaram uma trajetória de contacto cada vez maior com uma grande variedade alimentar. Evitando constrangimentos naturais de sazonalidade e frescura, a comida pode ser transportada através de longas distâncias, proporcionando o seu acesso todo o ano e ampliando a participação de uma maior camada populacional no consumo de alimentos. Muitos bens considerados de luxo deixaram de ser confinados a uma pequena elite. Veja-se o caso do salmão selvagem e a sua gradual penetração no mercado de massas quando passou a ser proveniente da aquacultura. De facto, a modernização do sistema alimentar implicou a transição gradual de um gosto de luxo para um gosto de necessidade em muitos lares portugueses. Glória lembra-se do prazer de comer bananas da ilha da Madeira (o único lugar de onde as bananas eram importadas para o continente):

Nós só comíamos bananas da Madeira. Não havia bananas na época, não vinham nem do Equador nem do Brasil como hoje em dia; só da Madeira, e em muito pouca quantidade... Comer uma banana era um verdadeiro prazer!

(Glória, 59 anos, natural de França)

O prazer de comer uma banana remete para o que Sutton descreve sobre o poder evocativo que determinados alimentos têm para despoletar prazeres, sabores intensos e memórias alimentares:

(t)his suggests some basis for the Proustian phenomenon of remembering through evocation of a powerful sensory image: the sweetness of a banana hardly seems similar to that of an orange, and yet, as an image of a food with a strikingly sweet flavor, 'banana' does have a certain evocative power.

(Sutton, 2001: 97)

Em paralelo, e coevoluindo com a disponibilidade de alimentos durante todo o ano, o sistema de retalho alimentar também sofreu transformações. Houve uma diminuição de lojas tradicionais de retalho (onde a maioria dos portugueses ia comprar os seus bens) e assistiu-se a uma penetração gradual dos supermercados, especialmente na década de 1990. De acordo com um relatório da AC Nielsen (1997) publicado nos finais dos anos 1990, 5854 lojas de pequeno comércio desapareceram (de 28 500 unidades), enquanto o volume de vendas dos quatro maiores grupos de retalho alimentar foi de 60% do volume total (Cachinho, 2002: 91). Mais recentemente, nos primeiros anos deste século, os hipermercados e supermercados em Portugal detinham “mais de 75% do mercado urbano” (Kjaernes, Harvey e Warde, 2007: 136).

No entanto, e ao contrário de alguns países como por exemplo o Reino Unido, a concentração do poder no grande retalho não foi tão visível e rápida (*ibidem*: 135). Talvez não seja surpreendente que o mercado retalhista seja ainda caracterizado por pequenas e médias empresas independentes e empresas locais, com vários entrevistados da nossa amostra a afirmar que muitas vezes compram frutas e legumes, carne e peixe em pequenas lojas de comércio local, feiras e mercados (por exemplo, mercearias, talhos ou peixarias). Como demonstrado por Kjaernes, Harvey e Warde (2007: 127) num estudo sobre a confiança alimentar na Europa, os italianos e, especialmente, os portugueses mostraram que muitas das compras alimentares eram realizadas em mercados, nomeadamente no caso do tomate, e nos talhos, para o caso da carne. Conforme relatado por um dos entrevistados, as compras em feiras e pequenos mercados estão largamente ligadas a uma experiência sensorial, contribuindo essa experiência para uma pleora de significados sobre qualidade alimentar.

Eu sempre gostei da atmosfera dos mercados. [Porquê?] Isso é estética realmente [risos]. A mostra de alimentos, o poder tocar, sentir o cheiro, ouvir as vozes; eu acho que proporciona uma ligação com a comida como deve ser... O ambiente de compra é muito importante, está-se mais perto do produtor... mais perto de uma realidade particular.

(Ana Maria, 46 anos, Lisboa)

Na próxima secção, abordam-se as memórias alimentares e a sua reatualização quotidiana, através das experiências vividas, sensoriais e estéticas onde corpos-mentes e alimentos se articulam, contribuindo para reforçar ou ocultar a divisão urbano-rural.

#### **4. Os produtos locais e biológicos: experiências passadas incorporadas nas rotinas quotidianas**

A amostra de consumidores portugueses comprava alimentos biológicos e locais, alguns com maior regularidade do que outros. Todos eles tinham opiniões positivas sobre esses alimentos, justificando as suas motivações de consumo com aspetos como: frescura, sabor, saúde, ambiente, defesa da economia local, justiça social, segurança, maior poder de conservação e melhor aparência (Truninger, 2010).

No entanto, apesar do carácter positivo dado a estes alimentos, alguns consumidores da amostra mostraram-se preocupados com a segurança alimentar dos produtos locais provenientes de sistemas agrícolas tradicionais. A

utilização em excesso de químicos artificiais e os abusos na manipulação de pesticidas de alguns agricultores foram questões levantadas. Porém, mesmo estando cientes do risco destes produtos, vários entrevistados disseram consumi-los de forma quotidiana pelo que, ao fazê-lo, contribuíam para “repetir, reproduzir e transformar as memórias alimentares” (Carolan, 2011: 39). Os alimentos e a sua natureza visceral são uma maneira interessante de recordar (Sutton, 2001; Carolan, 2011: 39), especialmente quando as experiências com esses alimentos são recursivamente postas em prática – revisitando os mesmos lugares, ensaiando as mesmas experiências do passado, transformando e replicando nos nossos corpos sensações viscerais semelhantes. As memórias alimentares não são, assim, algo que está encerrado cognitivamente nas nossas mentes, mas antes são recursivamente atualizadas e vividas na vida quotidiana, através das práticas ritualizadas de compra, cozinha e ingestão. Aproximamo-nos assim da perspectiva de *dwelling* de Tim Ingold, uma perspectiva que “treats the immersion of the organism-person in an environment or lifeworld as an inescapable condition of existence. From this perspective, the world continually comes into being around the inhabitant, and its manifold constituents take on significance through their incorporation into a regular pattern of life activity” (Ingold, 2011: 153). Neste sentido, as memórias fazem parte deste *dwelling* no mundo, permanentemente vividas e reatualizadas através da experiência prática no presente. Nessa experiência prática emergem significados do que é urbano e do que é rural, e que são sempre definidos e redefinidos de acordo com o leque de relações (sempre incompletas) que se estabelecem com o ambiente ou o mundo. Os consumidores entrevistados utilizavam muitas vezes, tanto os produtos biológicos, como os locais como fortes ferramentas mnésicas que se articulavam com determinadas imagens do rural. Comer produtos na estação própria era uma das tais imagens vividas no presente mas articulada com as experiências passadas da vida do campo, por vezes uma imagem romantizada que escondia as agruras da vida dura de milhares de camponeses.

Para Manuel, a compra de produtos locais era persistentemente confundida com a compra de produtos biológicos, já que ambos os significados foram reativados através das memórias alimentares de infância, por exemplo, quando experienciava as deliciosas maçãs da quinta dos seus avós:

Lembro-me de ir para a quinta dos meus avós, e as maçãs tinham um sabor incrível... Eu ainda consigo encontrar estes sabores no mercado... Eu sigo os princípios macrobióticos de consumo de alimentos dentro de um raio de cinquenta quilómetros... Há produtos que são ainda muito bons... Podemos encontrar romãs

ou caquis sem produtos químicos. É por isso que eu digo que podemos encontrar comida no mercado que não tem o rótulo de agricultura biológica, mas que para mim é biológica.

(Manuel, 57 anos, Alentejo)

Mas o consumo de produtos biológicos foi também uma maneira de recuperar e aceder a experiências passadas, isto é, cheiros e sabores. Neste caso, a alimentação biológica constituiu uma porta para o passado, um passado julgado perdido, mas que era vivenciado no presente como algo real:

Sim, não é uma miragem, isso realmente acontece [*viver os sabores do passado através dos produtos biológicos*]. Por exemplo, ovos: eu gosto dos ovos biológicos. Eu sou uma pessoa muito sensível e lembro-me dos cheiros e sabores da minha infância através da ingestão dos alimentos biológicos... Eu recupero e vivo alguns destes sabores agora.

(Josefa, 53 anos, de Coimbra)

Na narrativa de Josefa transparece a recuperação do gosto ‘real’ de ovos através da ingestão de alimentos biológicos. Essa busca de gostos ‘reais’ encapsula uma busca dos urbanitas para um passado rural idílico, autêntico e genuíno (Figueiredo, 2013). No relato de Ana Maria, notamos uma história diferente. Aqui, há uma sensação de que o alimento biológico não deve ser associado a imagens de um rural mitificado pelos urbanitas:

Eu acho que apoiar os produtos biológicos é também uma forma de dar um sinal ao governo de que as pessoas não devem ser retiradas do campo, que se deve valorizar o campo... Eu não gostaria de deixar passar a ideia de uma vida no campo romântico, porque é muito difícil viver no campo... Não me parece ser desejável ter camponeses como os de antigamente.

(Ana Maria, 50 anos, Lisboa)

Através destas narrativas mostrou-se como os alimentos biológicos e locais têm poderes mnésicos de reformulação das imagens plurais do rural (Figueiredo, 2011). Apesar da pluralidade de tais imagens, por vezes construídas, por vezes sonhadas e romantizadas, estas aparecem entrelaçadas na vida quotidiana, nas experiências vividas na prática, quando se compram e consomem produtos locais ou biológicos.

## 5. Comentários finais

Neste capítulo, exploraram-se os significados de alimentos biológicos e locais num grupo de consumidores da cidade de Lisboa através das suas memórias alimentares. A análise de cerca de trinta entrevistas com consumidores de alimentos locais e biológicos permitiu identificar algumas configurações das relações rural-urbano. Estas configurações foram profundamente moldadas pelas trajetórias culturais, sociais e políticas da produção alimentar, da organização do território, da agricultura, da urbanização e do consumo em Portugal. Foi possível identificar processos como: a reconfiguração dos sistemas de provisão alimentar; a penetração gradual das grandes superfícies retalhistas; as questões ligadas ao risco alimentar; a transformação das práticas de consumo e produção; a penetração de produtos locais e biológicos como símbolo da qualidade alimentar.

Os consumidores entrevistados foram capazes de reavivar um passado rural das suas infâncias, apesar de viverem a maior parte das suas vidas numa cidade como Lisboa. Esta tem-se tornado cada vez mais cosmopolita, com um afluxo de população diversa e alimentos variados provenientes do mercado global. Muitos entrevistados ainda têm as suas redes de sociabilidade em áreas do interior do país, menos urbanizadas, as quais são ainda utilizadas para aceder àquilo que consideram produtos de 'qualidade'. Nas narrativas dos consumidores entrevistados duas questões estavam presentes: de que forma são definidas as várias imagens do rural e as suas interligações com o urbano?; como é que estas narrativas podem contribuir para os debates sobre a divisão urbano-rural?

Para os entrevistados, as memórias alimentares foram importantes para reativar a ligação entre dois mundos, só aparentemente separados: o mundo rural e o mundo urbano. O poder evocativo dos alimentos na memória dos participantes permitiu aproximar estes dois mundos. Mas reavivar o passado e as formas de comer na infância tornou-se mais do que um exercício de nostalgia. O facto de os consumidores terem acesso a alimentos locais e biológicos no presente (alguns com mais facilidade do que outros, dependendo da sua localização geográfica) "made the past something that could always-already be experienced" (Carolan, 2011: 82). Enquanto a nostalgia ordena coisas e pessoas de acordo com a experiência anterior – e pode ser aplicada para recriar espaços McRuralizados (Figueiredo, 2013) –, a experiência prática das memórias alimentares "becomes not something that one returns to but something that one *dwells* within and creates" (Carolan, 2011: 82; *italico* nosso). A atividade quotidiana de recordar e vivenciar o passado é constantemente reatualizada na prática. Estas memórias, sempre reatualizáveis e reconstruídas no presente, permitem ultrapassar

a dicotomia rural-urbano, mas, ao mesmo tempo, reforçam as diferenças entre estes dois espaços, sem que isso represente uma relação polarizadora, mas antes interdependente. Isto é, tudo depende da forma como as relações entre a pessoa-organismo e o ambiente vivido emergem quando em contacto, neste caso, com os produtos locais ou biológicos (Ingold, 2011). Esta ideia é corroborada nas palavras de Ana Maria: "Quando estou em Trás-os-Montes, eu sinto que estou num lugar diferente... O cheiro do campo é diferente, o sabor da comida é diferente." Assim, as divisões entre cidade e campo, rural e urbano estão em constante devir, e vão-se reconfigurando através das práticas quotidianas dos consumidores, neste caso o consumo de produtos locais e biológicos. O poder mnésico destes produtos permite ligar memórias alimentares vividas em espaço rural a experiências presentes em espaço urbano, de forma intrincada e sempre incompleta, e pensar relacionamente estes espaços.

## Referências bibliográficas

- BARRETO, A. (org.) (2000). *A Situação Social em Portugal 1960-1999 (volume II) – Indicadores em Portugal e na União Europeia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- CACHINHO, H. (2002). *O Comércio Retalhista Português*. Lisboa: GEPE, Ministério da Economia.
- CARMO, R. (2007). *De Aldeia a Subúrbio*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- CAROLAN, M. (2011). *Embodied Food Politics*. Farnham: Ashgate.
- CLOKE, P.; Marsden, T. & Mooney, P. (eds.) (2006). *Handbook of Rural Studies*. London: Sage.
- DELIND, L. B. (2006). "Of bodies, place and culture: re-situating local food". *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, 19: 121-146.
- FIGUEIREDO, E. (coord) (2011). *O Rural Plural – Olhar o presente, imaginar o futuro*. Loulé: 100Luz.
- FIGUEIREDO, E. (2013). Entre a McRuralização e o Esquecimento: que futuro para o mundo rural português?. In Silva, V. A. e Carmo, R. M. (orgs.). *Mundo Rural: Mito ou realidade*. São Paulo: Annablume, pp. 25-50.
- FREIRE, D. & Truninger, M. (2011). "Globalização e reconstrução da agricultura local. Processos de construção do solar da pêra rocha no Oeste (Portugal)". In Figueiredo, E. (coord.), *O Rural Plural – Olhar o presente, imaginar o futuro*. Loulé: 100Luz, pp. 73-90.
- HINCHLIFFE (2008). *Geographies of Nature: Societies, Environments, Ecologies*. London: Sage.
- INGOLD, T. (2011). *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London and New York: Routledge.
- KJAERNES, U.; Harvey, M. & Warde, A. (2007). *Trust in Food: A Comparative and Institutional Analysis*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- NIELSEN, A. C. (1997). *Estimativa do volume de vendas do retalho distributivo*. Lisboa: Nielsen.



- SUTTON, D. (2001). *Remembrance of the Repasts: An Anthropology of Food and Memory*. London: Berg.
- TRUNINGER, M. (2010). *O Campo Vem à Cidade: Agricultura biológica, mercado e consumo sustentável*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- TRUNINGER, M. & Freire, D. (2014). "Unpacking the Mediterranean diet: agriculture, food and health". In Domingos, N.; Sobral, J. M. & West, H. (eds.), *Food between the Country and the City: Ethnographies of a changing global foodscape*. London: Bloomsbury, pp. 191-206.